

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO TRATAMENTO DO DEPENDENTE QUÍMICO: UMA REVISÃO DE LITERATURA NA PERSPECTIVA SISTÊMICA

THE IMPORTANCE OF THE FAMILY IN THE TREATMENT OF DRUG ADDICTION: A LITERATURE REVIEW FROM A SYSTEMIC PERSPECTIVE

LA IMPORTANCIA DE LA FAMILIA EN EL TRATAMIENTO DE LA DROGADICCIÓN: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA DESDE UNA PERSPECTIVA SISTÉMICA

Jackson Nivaldo Velozo Monteiro¹

Renata Roteski²

Fabíola Galina Beleia³

RESUMO: O presente artigo tem por **objetivo** discorrer sobre o papel da família no tratamento do dependente químico na Perspectiva Sistêmica Familiar, a qual compreende família como um sistema interconectado, sendo o sintoma uma manifestação da disfunção nos padrões de interação do grupo familiar. A **metodologia** adotada foi a revisão narrativa de literatura, fundamentada em livros sobre teoria sistêmica e pesquisas científicas de bases de dados como Scielo e BVS Saúde. A pesquisa é **justificada** pela relevância social do tema, haja vista a dependência química ser reconhecida como um grave problema de saúde pública gerando profundo impacto e sofrimento em todo o núcleo familiar, como a exposição à conflitos, à codependência e à sobrecarga emocional, podendo reforçar padrões que dificultam alcançar o objetivo maior, a recuperação do adicto. Com isso, o trabalho **se torna relevante** ao proporcionar o reconhecimento da importância do sistema familiar como um fator de proteção ao uso de drogas e a prevenção da recaída, contribuindo no sucesso do processo de reabilitação.

4787

Palavras-chave: Família. Dependência química. Sistema familiar. Codependência. Tratamento.

ABSTRACT: This article aims to discuss the role of the family in the treatment of drug addiction from the Family Systems Perspective, which understands the family as an interconnected system, with symptoms being a manifestation of dysfunction in the family group's interaction patterns. The methodology adopted was a narrative literature review, based on books on systemic theory and scientific research from databases such as Scielo and BVS Saúde. The research is justified by the social relevance of the topic, given that drug addiction is recognized as a serious public health problem that generates profound impact and suffering throughout the family nucleus, such as exposure to conflict, codependency, and emotional overload, which can reinforce patterns that hinder the achievement of the ultimate goal: the addict's recovery. Therefore, the work becomes relevant by recognizing the importance of the family system as a protective factor against drug use and relapse prevention, contributing to the success of the rehabilitation process.

Keywords: Family. Drug addiction. Family system. Codependency. Treatment.

¹ Discente, Centro Universitário Univel.

² Discente, Centro Universitário Univel.

³ Orientadora. Responsável Técnica na Clínica Escola de Psicologia no Centro Universitário Univel – UNIVEL - Graduada em Psicologia, pelo Centro Universitário Univel – UNIVEL, no ano de 2024. Em andamento: Formação e Pós-Graduação em Terapia Sistêmica Familiar – Viver Mais Psicologia. Pós - graduação em Psicoterapia de Casal e Família – Viver Mais Psicologia.

RESUMEN: Este artículo busca discutir el rol de la familia en el tratamiento de la drogadicción desde la Perspectiva de Sistemas Familiares, que la entiende como un sistema interconectado, donde los síntomas son una manifestación de la disfunción en los patrones de interacción del grupo familiar. La metodología adoptada fue una revisión narrativa de la literatura, basada en libros sobre teoría sistémica e investigaciones científicas de bases de datos como Scielo y BVS Saúde. La investigación se justifica por la relevancia social del tema, dado que la drogadicción se reconoce como un grave problema de salud pública que genera un profundo impacto y sufrimiento en el núcleo familiar, como la exposición a conflictos, la codependencia y la sobrecarga emocional, lo que puede reforzar patrones que dificultan el logro del objetivo final: la recuperación del adicto. Por lo tanto, el trabajo cobra relevancia al reconocer la importancia del sistema familiar como factor protector contra el consumo de drogas y la prevención de recaídas, contribuyendo al éxito del proceso de rehabilitación.

Palabras clave: Familia. Drogadicción. Sistema familiar. Codependencia. Tratamiento.

INTRODUÇÃO

A dependência química é um problema de saúde pública que afeta milhares de pessoas a nível mundial, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025). É importante ressaltar que além dos efeitos devastadores causados pela dependência na saúde física e mental, ela também pode ter um impacto significativo na dinâmica familiar, podendo ser compreendida como reflexo de um sistema adoecido. Do ponto de vista sistêmico, a drogadição pode ser entendida como sintoma da família, em que o doente não é apenas o paciente identificado, mas todo o sistema familiar (Paz e Colossi, 2013).

4788

Seadi e Oliveira (2009) corroboram com a mesma ideia, ao expor que o sintoma da adição está a serviço da estabilidade da homeostase familiar, ocultando conflitos arraigados à estrutura familiar. Diante disso, a melhora do dependente químico pode contribuir ao revelar conflitos que a família não sabe como lidar e consequentemente provocar um desequilíbrio no sistema familiar. A sistêmica relação entre a família e o sujeito, emerge como um elemento central na jornada deste artigo para compreender o quanto ela influencia no tratamento da dependência química. Para isso, a compreensão do papel da família nesse processo complexo, demanda inicialmente, uma análise do próprio conceito de "família".

De acordo com Oliari (2008), a família é considerada um sistema, podendo ser descrita como um conjunto de indivíduos em interação. A autora citada, define como a existência de elementos e da interação entre os componentes do sistema, os tornando partes interdependentes, afirmando que a mudança de um dos elementos gerará mudança nos comportamentos dos outros membros da família. Para entender o comportamento de cada indivíduo, é necessário observar o grupo em que ele vive e suas relações. Por fim, o sistema não se caracteriza pela soma das partes, mas como totalidade de partes com suas inter-relações.

Segundo Cervený (2010), estruturalmente a família é um tema amplo e complexo, que tem acompanhado a história da sociedade e dos indivíduos, servindo tanto como objeto de análise nos estudos sociais, antropológicos e históricos, quanto como referência para a compreensão das tradições e crenças de um povo. A autora também afirma, que a família compõe uma área de estudo da psicologia entendida como o objeto, a qual tem a sua importância na construção do sujeito, em relação à sua identidade, por meio dos sentimentos de pertinência e diferença enquanto indivíduo. Buscolo (2021) contribui com a ideia de que a família é um conjunto complexo de relações, a qual não se interiorizam elementos isolados, mas a relação entre eles.

Nesse contexto da relação familiar, surge o desafio da dependência química reconhecida como um transtorno mental pelo Ministério da Saúde (MS, 2022) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025) que define, com base no CID-11, como um conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos decorrentes do uso repetido de uma substância, caracterizado por um desejo forte de consumir a substância, dificuldade de controlar o uso, persistência no uso apesar das consequências nocivas, maior prioridade ao uso da substância do que a outras atividades e obrigações, aumento da tolerância e, às vezes, um estado de abstinência (Organização Mundial da Saúde, 2025).

4789

De acordo com Araújo e Mota (2009), historicamente o uso de certas substâncias possuía conotações rituais e de busca por transcendência. Porém, na contemporaneidade, frequentemente se associa à busca por prazer imediato e alívio de desconfortos psíquicos e sociais, especialmente entre adolescentes influenciados por fatores como curiosidade, pressão social e busca por pertencimento. Nesse sentido, a própria compreensão da dependência química evoluiu. Diante de um senso-comum antes vista como uma falta de caráter e de integridade pessoal, passando para uma visão e compreensão mais abrangente impulsionada pela Reforma Psiquiátrica e por pesquisas na área da saúde mental que hoje compreendem essa problemática como impulsionada por fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Frente a essa problemática, esta pesquisa tem como objetivo compreender a importância da família no tratamento do dependente químico, a partir de uma revisão de literatura baseada na perspectiva sistêmica familiar. Para atingir o objetivo acima proposto, optou-se pela realização de uma revisão de literatura acerca do tema, utilizando-se, para tal fim, o recurso da revisão narrativa, metodologia melhor detalhada adiante.

MÉTODOS

Esta pesquisa segue o modelo metodológico de revisão de literatura narrativa. Esta metodologia foi escolhida, por ser um modelo de pesquisa a qual propicia descrever e discutir um tema a partir de um ponto de vista teórico e atual. Segundo Flor et. al (2021), as revisões narrativas são classificadas como uma análise de literatura que irá fornecer sínteses narrativas e compreensivas das informações que já foram publicadas. É didática, eficaz para a organização e apresentação de informações, sendo amplamente utilizado em debates e explicações de temas e áreas acadêmicas.

As fontes bibliográficas foram selecionadas nas bases de dados, livros e artigos científicos com foco em saúde mental, dependência química e estudos da família. A busca foi realizada usando os seguintes descritores: "dependência química", "apoio familiar", "recuperação", "terapia sistêmica", "sintoma" e "sistema familiar disfuncional".

Os critérios de inclusão foram para publicações em português, inglês ou espanhol, estudos que abordem a dependência química como doença e/ou o reconhecimento familiar desse quadro, pesquisas que discutam o papel da família, o impacto do apoio familiar ou os fatores psicossociais relacionados à recuperação de usuários de substâncias psicoativas. Por outro lado, foram excluídos, artigos que tratam da dependência química apenas sob a ótica farmacológica, publicações que não estivessem disponíveis na íntegra, estudos que não contemplem a participação ou percepção da família no processo de tratamento ou recuperação, artigos em idiomas diferentes dos definidos.

4790

A análise do material coletado permitiu uma construção de uma revisão narrativa coerente, que visa auxiliar profissionais de saúde e famílias a compreenderem o quanto é importante a participação da família do dependente químico em sua recuperação

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O pensamento sistêmico surge por volta da década de 1930 como um novo paradigma, tendo como características de um sistema a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade (Teodoro e Baptista, 2020). Costa (2010), contribui, ao afirmar que família pode ser entendida como um sistema que se inter-relaciona e que é visto a partir do seu contexto, o qual um sistema está em relação com outros sistemas, em sua complexidade. Assim, as interações são múltiplas e diversas devido a sua instabilidade, a suas articulações e a suas mudanças, que permeiam constantemente o andamento da intersubjetividade, tendo várias realidades resultantes das

interações. Sendo assim, o pensar sistematicamente engloba o todo, não existindo apenas uma causa e sim uma interação entre fatos e causas variadas (Rosset, 2021)

Vasconcelos (2016), sob essa perspectiva sistêmica, entende a família “como sendo um sistema aberto dotado de laços afetivos, tendo sua identidade formada através das trocas de histórias e de experiências entre si e com o meio externo”. Analogamente, Minuchin e Fishman (1990), consideram que a família é um sistema que mantém constantes trocas com o ambiente e que os padrões de interação adotados no meio familiar são os fundamentos da estrutura da família.

Nichols (2007) acrescenta que as famílias se diferenciam em subsistemas baseados em gerações, gênero e interesses comuns e cada membro da família desempenha muitos papéis em vários subgrupos. Os indivíduos, os subsistemas e a família inteira são demarcados por fronteiras interpessoais, as quais são compreendidas como barreiras invisíveis que regulam o contato com os outros, contribuindo ou influenciando a dinâmica familiar. Minuchin e Frishman (1990) pontuam que a dinâmica familiar pode ser entendida considerando a *estrutura*, os *subsistemas* e as *fronteiras* do funcionamento da família.

Minuchin (1982, p 57) corrobora ao afirmar que a estrutura pode ser definida como “um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem”. Ele, também, contribui ao apontar que os indivíduos são subsistemas dentro de uma família, sendo assim, o sistema familiar diferencia e realiza suas funções através dos subsistemas. Por outro lado, Mioto (1998), explora a definição de fronteiras ao abordar a conceituação de fronteiras difusas e desligadas. As primeiras indicam que as regras existentes não são claras e o processo de individualização não acontece de forma saudável, uma vez que a privacidade fica comprometida e o problema individual torna-se coletivo. No outro extremo, têm-se as fronteiras desligadas em que a comunicação entre os sujeitos é comprometida e há um notório distanciamento entre a pessoa e seus pares (Mioto, 1998). A nitidez das fronteiras apresenta-se como um parâmetro importante para a avaliação do funcionamento familiar, revelando maior ou menor funcionalidade da família (Costa, 2010).

Importante salientar que os sistemas familiares precisam ser estáveis e flexíveis, essa necessidade se faz notória para garantir a continuidade e a acomodação diante das mudanças circunstanciais. Segundo Nichols (2007), as dificuldades se manifestam quando a falta de flexibilidade das estruturas familiares compromete sua capacidade de se adaptar de maneira funcional e às mudanças naturais do desenvolvimento ou a eventos inesperados.

A compreensão da dinâmica familiar, sob a lente sistêmica, é crucial para entender como os padrões relacionais podem influenciar a vulnerabilidade como a dependência química. Em famílias vulneráveis, Cervený (2012) aponta que o desequilíbrio entre méritos e deméritos pode levar à perda de flexibilidade e mobilidade ao longo dos ciclos vitais, resultando em uma estrutura rígida. Essa rigidez, por sua vez, facilita o surgimento de diversos problemas familiares, como o abuso e a dependência de drogas, incluindo o álcool.

Cervený (2012) ainda argumenta que cada família constrói sua própria história, uma herança multigeracional que define uma teia de obrigações e direitos. De acordo com Andolfi (2019), o indivíduo ao interiorizar essas regras e obrigações, desenvolve uma sequência de lealdades em relação ao sistema familiar, as quais são transmitidas de geração para geração, das quais não é fácil de se desligar. Essa "lealdade familiar" é uma rede invisível de expectativas mútuas que atua como uma força poderosa.

Diante da perspectiva sistêmica a dependência química é vista como um sintoma, indicativo de uma disfunção no sistema familiar. Andolfi (2019) afirma que o sintoma não é somente a manifestação de um desconforto individual ou de uma doença, mas expressa um mau funcionamento na organização de um sistema considerado em sua totalidade. Cervený (2012) aponta que a dependência química, além de ser um transtorno com características próprias, funciona como um indicativo de disfunções no sistema familiar. Dessa forma, ela atua e sofre a influência não apenas da família, mas de todos os contextos sociais em que o indivíduo está inserido.

4792

Portanto, pode-se inferir que a dependência química, nessa visão, vai além das ações individuais do sujeito, uma vez que essa abordagem direciona seu olhar aos padrões de interação, às regras e aos papéis que sustentam o sintoma. Não obstante, para Bittencourt e Boing (2017), a família pode se organizar em torno do problema da pessoa com dependência, desviando a atenção de outros conflitos eventualmente existentes. Então, o dependente torna-se o foco do conflito, enquanto o sistema se protege e evita confrontar suas próprias tensões.

Em outra análise, Ribeiro e Sattler (2022) afirmam que o vício no sistema familiar se apresenta de forma altamente nociva aos seus integrantes, afetando a comunicação, a estabilidade emocional ou a saúde financeira de uma família, o que pode resultar, muitas vezes, no rompimento de vínculos familiares, o que compromete toda a rede de apoio da pessoa em situação de vício.

A comunicação surge como um indicador eficiente sobre o nível de funcionamento do sistema conforme Scapini e Ivania (2019). A drogadição, portanto, pode ser vista como uma forma de se comunicar diante da crise existente no sistema (Guimarães et al., 2009). Satir (1967), defende que o padrão de comunicação é decisivo para identificar o conflito e quanto isso pode impactar diretamente na disfuncionalidade do grupo. Todavia, o conflito por si só não deve ser visto como uma disfuncionalidade, deve-se, portanto, analisar a expressão desse conflito, a intensidade e profundidade para que as intervenções sejam adequadas (Féres-Carneiro et al., 2017).

Costa (2010) destaca ainda que o uso de drogas pode ser uma forma de expressar uma lealdade invisível. Ao ponto que a dependência química pode ser profundamente influenciada por essas lealdades familiares, simbolizadas por questões carregadas ao longo das gerações e passadas hereditariamente por costumes, hábitos ou ensinamentos aos descendentes de um mesmo grupo familiar.

A família pode ser um lugar que oferece abrigo e proteção à pessoa em situação de dependência química, mas também a dinâmica familiar pode estar organizada de uma maneira disfuncional a ponto de reforçar o sintoma (Paz e Colossi, 2013). Por esse motivo o autor reforça a necessidade de todos os integrantes do sistema ou subsistema receberem o acompanhamento psicológico a fim de serem trabalhados os vínculos, limites e papéis familiares.

4793

Consoante a isso, Vasconcelos (2016) ainda afirmam que a família pode ser mais propensa a perceber as dificuldades que o dependente está enfrentando, uma vez que sua convivência com ele permite uma maior noção sobre seus comportamentos e atitudes, sendo que isto pode denunciar, inclusive, a eficiência do tratamento. De qualquer forma, um ponto fundamental é a compreensão de que o processo de reabilitação do dependente não se restringe apenas ao tratamento ambulatorial individual em clínicas terapêuticas ou hospitais psiquiátricos, mas sim a um conjunto sociofamiliar.

Nesse cenário, a Terapia Sistêmica Familiar emerge com uma proposta de integrar todos os sujeitos do núcleo familiar em um trabalho focado nas relações disfuncionais a fim de superar os padrões de comportamento que mantêm o vício e outros sintomas. Ao discorrer sobre a importância dela no tratamento do dependente químico, Paz e Colossi (2013) ressaltam a necessidade de compreender a dinâmica familiar, inicialmente, tanto para compreender como o as manifestações do sintoma refletem nela quanto para elaboração de intervenções.

Dessa maneira, Seadi e Oliveira (2009) defendem que o tratamento é iniciado quando algum dos familiares que percebem o sintoma busca por ajuda a fim de compreender melhor essa realidade. Schenker e Minayo (2004) encontram em sua revisão de literatura diversos estudos que evidenciam que o tratamento do dependente químico é mais eficiente quando a família é o foco da atenção, o que reflete de forma positiva no paciente identificado.

Assim, o início do tratamento nesta perspectiva independe da vontade ou do desejo do sujeito identificado, uma vez que qualquer familiar que busca por informações pode chegar à conclusão de que há esperança e, ainda, incentivar outros membros da família a engajar-se nessa causa, o que aumenta a probabilidade do dependente aderir ao tratamento (Seadi e Oliveira, 2009).

Ribeiro e Sattler (2022) trazem a terapia sistêmica como sendo uma importante corrente no campo da psicologia com potencial recurso terapêutico no tratamento da dependência química. Isso porque oferece uma perspectiva útil para entender a complexidade das relações familiares e como elas são afetadas pela adicção.

A Terapia Sistêmica Familiar, nesse sentido, dedica-se a trabalhar com todos os envolvidos, pois entende que é necessário focar nas relações do sistema como um todo e identificar os padrões disfuncionais que mantém o sintoma, ao invés de tratar apenas o paciente individualmente (Minuchin e Nichols, 1995). Nessa linha teórica, entende-se que as relações buscam constantemente manter seu equilíbrio, ou em homeostase, através de um processo de autorregulação que mantenha a estabilidade do sistema e de seu funcionamento (Bolze, et al. 2014).

Olhar sistêmico para o tratamento requer uma perspectiva integrada do sujeito, segundo Vasconcellos (2010), sistêmica deriva do grego *synhistanai* ("colocar junto"), requerendo, assim, a compreensão do fenômeno em seu contexto e a natureza das relações. Dessa forma, conforme o autor citado, o pensamento sistêmico foca no todo, pois as propriedades essenciais emergem das relações entre as partes, e permite transitar a atenção entre os níveis do sistema.

De acordo com Nichols (2007), a compreensão das famílias como sistemas possibilita a responsabilização dos membros pela relação estabelecida, aprofundando, assim, a problemática e desvendando as causas do conflito, para a busca de mudanças. Diante dessa compreensão, o tratamento através da abordagem traz, segundo Cervený (2012), que primeiramente se faz necessário a compreensão do problema através do contexto biopsicossocial, e não individual

Este artigo não pretende esgotar o tema, mas sim ampliar a discussão sobre a relevância da família. Ela age como um agente ativo e impactante, tanto na manutenção dos sintomas da dependência química, por meio de seu funcionamento, quanto como um pilar de apoio. A família pode servir de âncora para que o dependente se reerga, fortalecendo a adesão e a continuidade do tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi investigada a organização familiar diante dos conceitos sistêmico, sua configuração e também relevância do engajamento da família no tratamento do dependente químico a fim de compreender as implicações da manifestação do vício, seus impactos na dinâmica familiar e como o grupo pode contribuir para a reorganização do funcionamento do sistema.

Com isso, a pesquisa retornou brevemente as origens do pensamento sistêmico resgatando conceitos fundamentais para esclarecer como essa abordagem entende a constituição e as relações familiares. Primeiramente, constatou-se que a família é vista como um todo e não como uma somatória de partes, sendo isso uma premissa basilar da supracitada teoria, então qualquer sintoma que se expresse nesse meio não deve ser visto de forma isolada, mas sim como uma consequência das relações disfuncionais. Assim, a terapia sistêmica surge como um instrumento fundamental para auxiliar o sistema, para compreender sua dinâmica e para superar suas dificuldades.

4795

A dependência química também se exterioriza como um sintoma, logo, não é vinculada apenas ao sujeito identificado. Ao olhar para qualquer efeito das relações, é preciso observar o sistema como um todo e investigar sua dinâmica. Em muitos casos, a disfunção surge em decorrência de lealdades invisíveis construídas ao longo das gerações, como o de um grupo que se reorganiza a partir de um padrão comportamental modelado pelo vício, então a tendência é esse sintoma retornar ao sistema mantendo a homeostase.

O grupo familiar pode definir tanto o sucesso quanto o fracasso do tratamento. Foi constatado que a dependência é extremamente prejudicial à saúde familiar e a dependência surge como um efeito que pode prejudicar o tratamento, pois a família se mostra saturada e tende a culpar o sujeito identificado pelos problemas existentes. Por outro lado, quando a família inicia um tratamento precoce, mesmo antes do dependente manifestar a voluntariedade, é possível trabalhar os sintomas relacionais e progredir na superação da codependência.

Diante do exposto, foi possível notar que a terapia sistêmica oferece um modelo holístico para as causas da dependência química, reconhecendo que o caminho para a recuperação do indivíduo está intrinsecamente ligado à saúde e funcionalidade de seu sistema familiar. Logo, o foco no contexto, e não apenas no indivíduo, abre novas possibilidades para uma melhor funcionalidade do sistema familiar e uma consequente recuperação do sujeito dependente de narcóticos.

REFERÊNCIAS

ANDOLFI, M. A terapia familiar multigeracional: instrumentos e recursos do terapeuta. Tradução: Juliana Seger Sanvicente. - Belo Horizonte: Artesã, 2019.

ARAUJO, L. e MOTA - Dependência química e representações sociais e estigmas. Fortaleza - 2009.

BITTENCOURT, Isabella. BOING, Elisângela. Contribuições do Pensamento Sistêmico, da Gestalt-terapia e de práticas da psicologia para o trabalho em um CAPSI. Nova perspectiva., São Paulo , v. 26, n. 57, p. 53-68, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=Soi04-78412017000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 5 ago. 2025.

BOLZE, S. et al. As Origens do Pensamento Sistêmico: Das Partes para o Todo. Pensando Famílias, 18(2), dez. 2014, (3-16). Scielo.com. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf> Acesso em 25 de maio de 2025.

4796

BUSCOLO, L. BERTRANDO, P. Terapiasistêmica Individual: manual prático na clínica. Tradução: Silvana Garavello. -Belo Horizonte: Artesão, 2021.

CERVENY, C. M. O. BERTHOUD, C. M. E. Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CERVENY, C. M. O. BERTHOUD, C. M. E. Família e... Intergeracionalidade, Equilíbrio econômico, Longevidade, Repercussões, Intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

COSTA, L. F. A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 26, n. spe, p. 95-104, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Soi02-37722010000500008>>. Acesso em 5 ago. 2025.

FÉRES-CARNEIRO, T. et al.. Falhas na Comunicação: Queixas Secundárias para Demandas Primárias em Psicoterapia de Família. Trends in Psychology, v. 25, n. 4, p. 1773-1783, out. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.9788/TP2017.4-13Pt>>. Acesso em: 12 maio de 2025.

FLOR, T. O. et al. Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências. Anais do VI CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76913>>. Acesso em: 24/09/2025 20:27

GUIMARÃES, F. L. et al (2002). Terapia familiar em contexto de adolescência e drogadição. Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFGO, 27(1), 75-97.

MINUCHIN, S. Famílias: funcionamento e tratamento. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982

MINUCHIN, S. NICHOLS, M. P. (1995). A cura da família: histórias de esperança e renovação contadas pela terapia familiar. Porto Alegre: Artmed.

MINUCHIN, S. FISHMANN, C. (1990). Técnicas de terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul

MIOTO, R. C.T. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. academia.edu. 1998. Disponível em: <<https://www.academia.edu/63441323>>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

NICHOLS, P. Terapia Familiar: Conceitos e Métodos. Michael P. Nichols, Richard C. Schwartz ; tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. – 7. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2007. ISBN: 978-85-363-0942-2.

OLIARI, A. T. Aconselhamento: Construindo Relacionamentos Significativos. Curitiba: Eden, 2008.

4797

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-11*. Genebra: OMS, 2023. Disponível em: <CID-11 para Estatísticas de Mortalidade e de Morbidade> Acesso em: 8 maio 2025.

PAZ, F. COLOSSI, P. Aspectos da dinâmica da família com dependência química. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 18, n. 4, p. 515-522, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/hSfRJVTrXD3Jrt7nP9ZkRGw/>. Acesso em: 8 maio 2025.

RIBEIRO. SATTLER. Impactos da dependência química na dinâmica familiar: contribuições a partir de uma perspectiva sistêmica. *Pensando em famílias*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 121-130, 2022. Disponível em: <Impactos da dependência química na dinâmica familiar: contribuições a partir de uma perspectiva sistêmica | Pensando fam;26(2): 121-130, 2022. | LILACS> . Acesso em: 8 maio 2025.

ROSSET, S. M. O terapeuta de família e casal: competências teóricas, técnicas e pessoais. Belo Horizonte: Artesã, 2021.

SATIR, V. Terapia do grupo familiar. Trad. Nollí AChilles. 5 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1993. 296 p.

SCAPINI, N. e IVANIA, L. Mudanças na comunicação ao longo da terapia de abordagem sistêmica: um estudo de caso. *Est. Inter. Psicol., Londrina* v. 10, n. 2, p. 210-225, ago. 2019. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 7 ago. 2025.

SCHENKER, M. MINAYO, M. C. S. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 649-659, mai./jun. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/9xB9njS9Pn8PcVJjr7hYGXC/?lang=pt>>. Acesso em: 8 maio 2025.

SEADI, S. M. S. e OLIVEIRA, M. DA S.. A terapia multifamiliar no tratamento da dependência química: um estudo retrospectivo de seis anos. *Psicologia Clínica*, v. 21, n. 2, p. 363-378, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200008>>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

TEODORO, M. L. M. BAPTISTA, M. N., *Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2020.

VASCONCELOS, A. et al.. RELAÇÕES FAMILIARES E DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 321-326, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rbcs/article/view/24316>>. Acesso em: 24 set. 2025. Acesso em: 8 maio 2025.